



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

AS MATERIALIDADES VERBAIS E NÃO-VERBAIS DO SUICÍDIO: A BIOPOLÍTICA E OS CORPOS SUICIDAS

Vilmar Prata
(UESB)

Nilton Milanez
(UESB)

RESUMO

Este artigo trata de reflexões sob o viés da análise do discurso, voltadas para o suicídio, flagrado em lugar público e registrado em um vídeo de curta duração, postado na plataforma *youtube* no ano de 2013. O objetivo é apontar, problematizar e discutir as materialidades verbais e não-verbais do corpo suicida frente à biopolítica na qual está inserido. São adotados como base os postulados de Michel Foucault para fins de compreender a relação entre corpo, mídia e sociedade. Os aspectos presentes na singularidade do corpo, de suas práticas e, principalmente, de suas relações sociais lhe proporcionam autenticidade e autonomia, conforme a imposição de suas aceitações e negações, diante do que o corpo social vigente lhe imputa como regra. Compreendendo o corpo nessa perspectiva é que podemos visualizá-lo como instrumento de força ou submissão, a depender de cada sujeito e sua relação com os outros. Por fim, para o desenvolvimento deste trabalho serão elencadas duas questões primordiais: Que elementos corporais se evidenciam nas relações políticas entre o sujeito suicida e os outros indivíduos presentes nesta prática? Quais materialidades emergem do corpo diante do governo social que dita as regras gerenciais de sobrevivência e faz do suicídio uma atração midiática?

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Biopolítica, Mídia



INTRODUÇÃO

O SUICÍDIO NA MÍDIA

Dentre os inúmeros problemas enfrentados pela saúde pública no Brasil, o suicídio sem dúvida alguma é o que menos ocupa lugar na mídia, ao menos de maneira direta. O assunto é pouco abordado e sempre tratado com ressalvas. Nesse sentido, nos mobiliza Milanez a pensar que

A morte, assim, ao contrário da vida, torna-se constitutiva de singularidade, pois é na morte que o indivíduo se encontra, fugindo à monotonia da vida e a seu nivelamento. Possibilita, ainda, ao indivíduo ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de seu próprio conhecimento na medida em que no saber se inverte o jogo da finitude. (MILANEZ, 2007, p.51)

Frente a esta questão, podemos notar que existe um conceito na comunicação pública de que se entende que as notícias referentes ao suicídio podem motivar outros suicídios e encadear uma série de novos casos, talvez por imitação ou mesmo mimetismo, o fato é que se tem uma idéia de que notícias do tipo servem de inspiração para a repetição do ato.

Porém, nos últimos tempos, exatamente no período de 2010 a 2015, verificamos o grande crescimento da postagem de vídeos de curta duração no *youtube*, que revelam justamente o contrário. Dessa feita, apoiando-nos na conferência de Michel Foucault, *A ordem do discurso*, podemos refletir e questionar “[...] o que há assim de tão perigoso por as pessoas falarem, qual o perigo dos discursos se multiplicarem indefinidamente? Onde é que está o perigo?” (FOUCAULT, 1999, p. 8).

Seguindo a questão apresentada, é importante salientar que se trata de vídeos nos quais pessoas se suicidam ou tentam suicídio em lugares públicos, na grande maioria em torres de alta tensão e viadutos, motivando a produção de



vídeos amadores e profissionais, realizados por indivíduos, que estão casualmente por perto no momento, ou de programas jornalísticos, que usam e fazem desse tipo de ocorrência uma atração promissora de aumento de audiência. Diante dessa realidade midiática, Courtine nos alerta que o

“individualismo ‘narcísico’, com todos esses rituais de controle e de conjuração da usura do corpo, é uma forma de apropriação do mórbido, das angústias difusas dessa pequena morte onde se esgota o sentimento da vida”. (COURTINE apud MILANEZ, 2007, p.52)

Assim, seguindo os postulados de Foucault, este artigo apresenta uma breve reflexão sobre um vídeo em específico, levando em consideração o entendimento do corpo como um fenômeno discursivo e político na construção de sua história e de sua cultura, onde se formam continuamente discursos, poderes e saberes sempre diferentes um dos outros. Não podemos esquecer que de acordo com Foucault

“O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade. O corpo é uma realidade biopolítica.” (FOUCAULT, 1990, p. 80).

Nosso objetivo é verificar reverberações de crises e sentidos das materialidades discursivas do corpo suicida e dos outros corpos presentes nas cenas do vídeo. Além disso, nos debruçaremos sobre as materialidades verbais e não-verbais do suicídio face à biopolítica que rege a vida dos indivíduos mostrados nesse vídeo, seja o sujeito que busca um lugar público para *dar fim à própria vida*, dos que querem impedir tal feito, dos que assistem o fenômeno apenas como mais uma atração midiática e dos que fazem dessas situações uma produção de entretenimento, ou seja, um tipo específico de espetáculo. Tomando Courtine: “Esses espetáculos fazem parte de uma cultura visual profundamente arraigada em



hábitos de percepção muito antigos para serem facilmente erradicados”. (COURTINE, 2008a, p. 301)

Assim, podemos compreender que esse sujeito materializado no vídeo alimenta o círculo vicioso tradicional do gosto por situações bizarras de toda sociedade, que viram diversão para o olhar, sendo dissimulado por diversas posturas de rejeição, mas que acabam sendo traídos pelo próprio prazer em assistir às intempéries e morbidez alheias.

A BIOPOLÍTICA E O SUICÍDIO

Em um exercício de um experimento reflexivo e analítico sobre como a biopolítica viabilizou formas inusitadas de explicações sobre o suicídio, acreditamos que suicidar-se ou tentar suicídio ganhou nos últimos tempos um novo olhar, uma nova forma de narrativa e um novo sentido, tendo sido gerados e organizados ao longo da história por saberes, discursos, poderes e imagens.

Vivemos em um tempo de operações e compartilhamento de visões, causalidades, interpretações e supostas verdades que pertencem a uma determinada condição histórica, podendo ser mapeada e, por consequência, analisada e explorada. Courtine salienta que: “Essa canalização racional da curiosidade vai, por outro lado, ao encontro das preocupações morais e políticas que visam lutar contra a ociosidade e controlar o tempo livre das classes operárias, vigiar e organizar os prazeres das massas populares” (COURTINE, 2008b, p. 292)

Assim, sob esse efeito histórico, entendemos o suicídio como uma problematização no seio da biopolítica, favorecendo o surgimento de novas formas de inteligibilidade e de explicação para o suicídio, além de apontar as conexões possíveis entre biopolítica, vida, morte e suicídio a partir de reflexões desenvolvidas por Michel Foucault em seus escritos.

É importante esclarecer que a biopolítica é entendida como um tema, uma problemática, uma nova tecnologia política. A biopolítica fomenta um novo modelo



de exercício de poder e estratégias políticas de regulação e controle da vida. Constrói-se como forças estratégicas, assumindo posições e funções, princípios, redes, diagramas e, principalmente, práticas e formas.

Dentre os objetivos do governo, de modo geral, não é difícil perceber que a preservação da vida, vista como bem mais precioso, está sempre na linha de frente dos projetos governamentais. Nas palavras de Foucault “Os governos percebem que não tem que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um ‘povo’, porém com uma ‘população’, com seus fenômenos e suas variáveis próprias”. (FOUCAULT, 1988a, p. 125).

Em face de tal afirmativa, a vida, é entendida aqui, não como individual, mas no que se refere à vida da população, e a biopolítica, por sua vez, colabora com o entendimento da vida biológica nos exercícios de poder e nas práticas políticas. Foucault nos indica que esses exercícios e práticas são “destinados a produzir forças, a fazê-las crescer e ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las... um poder que gere a vida” (FOUCAULT, 1988b, p. 128).

Assim, questões biológicas e políticas se ligam de maneira direta. Conforme a complexidade de suas relações, paulatinamente, são desenvolvidas técnicas de poder, cuja preservação da vida passa ser o objetivo principal e o suicídio uma ameaça ao bem comum de toda sociedade, que é a própria vida.

AS CRISES E SENTIDOS DA RELAÇÃO ENTRE BIOPODER E CORPO

Há muitas possibilidades de justificativa para as causas do suicídio e o que faz exatamente um indivíduo julgar ‘normal’ escolher a morte e não a vida. Para esclarecer esse impasse seria necessário partir da relação entre biopoder e corpo, tal como ela se concebe nos nossos dias para nos aproximarmos de uma compreensão desse fenômeno. Sobre o poder, Foucault nos aponta que



“Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui.” (FOUCAULT, 2001, p. 75).

Em todas as camadas sociais o poder se faz presente, suas práticas são pulverizadas entre os indivíduos. Desta forma, o poder interfere diretamente sobre os inúmeros modos de se comportar do sujeito frente à própria vida, a própria morte e a vida e a morte dos outros.

O biopoder não tem como objetivo fraudar o corpo, ao contrário, ele o toma como responsabilidade, potencializando-o e preservando-o. Essa postura exercitada no centro do biopoder faz com que o sujeito se confunda, perdendo a noção de seu papel diante do biopoder e, principalmente, o papel do poder frente a si mesmo.

Essa relação delicada gera individualmente um desejo de administrar a própria vida, fazendo com que surjam lacunas, falhas, rupturas entre o sujeito e a sociedade, quando esse, por sua vez, decide não concordar com as orientações de preservação da vida e se acredita no direito de decidir sobre a própria vida ou a própria morte, assumindo o suicídio como uma opção entre tantas.

AS MATERIALIDADES VERBAIS E NÃO-VERBAIS DO CORPO SUICIDA

A valorização do corpo, de sua singularidade, de suas práticas e, sobretudo, de suas relações sociais, econômicas e culturais travadas ao longo de sua história, seja verbal ou não-verbal, o torna autêntico na medida em que impõe suas vontades diante do outro, pois segundo Milanez “A questão de um lugar do corpo, na mídia, leva-me à problematização das identidades pessoais ou sociais, pontos que [...] visam a marcar nossa corporalidade pessoal, social, cultural e, por isso, histórica.” (MILANEZ, 2006, p. 153).

Como indicado anteriormente, selecionamos do *corpus* geral de nossa pesquisa, um vídeo de curta duração, feito no local onde o suicídio ocorreu (torre



de telefonia) e postado na plataforma *youtube* no ano de 2013, produzido profissionalmente por um programa jornalístico sensacionalista, com todo aparato de produção que requer uma reportagem midiática.

As imagens foram feitas em um plano conjunto, em *contra plongée*, ou seja, imagens que vemos de baixo para cima, mostram de maneira bem pontual, através de *close* e *zoom*, componentes explícitos e implícitos que revelam questões relacionadas à espetacularização, ao poder e ao governo, indicados nos gestos do sujeito suicida e dos outros que aparecem ao longo dos vídeos, como os bombeiros, os populares (a mulher que filma de seu celular e os demais que estão no local), e o repórter. Personagens bem significativas no tocante a conceitos de mídia, governo e sociedade, pois conforme Courtine “[...] toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco. Existe um sempre já.”(COURTINE, 2013, p. 43)

Eis a seguir indicações mais precisas acerca do *corpus* sobre o qual nos lançaremos para uma breve discussão teórico-analítica:

Na seqüência discutiremos os fotogramas do vídeo. Na figura (01) temos a câmera em *close* no bombeiro que está sendo entrevistado por dois jornalistas, representados pelos seus respectivos microfones com a logomarca da rede de televisão que fazem parte. Courtine (2013, p. 125) nos adverte que “A questão posta aqui é a das formas materiais de uma cultura visual de massa.” Todo esse aparato, dá ao suicídio a relevância de um evento midiático, praticamente um espetáculo a céu aberto, com toda produção sofisticada de uma reportagem televisiva. Na figura (02), vemos em destaque uma popular fazendo um vídeo amador pelo seu celular do mesmo suicídio que está sendo coberto pelos canais de televisão. Esse fato dá a constatar outro olhar do mesmo episódio, o olhar do espectador que assiste a tragédia como se fosse uma atração de entretenimento, cuja importância, merece ser registrado. Desse modo, acreditamos ser relevante



estabelecer que “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha em torno de si um campo de coexistências” (FOUCAULT, 2012, p.112).

Na figura (03) temos uma *contra plongée* em *zoom* da torre da qual o sujeito suicida se encontra em eminência de se jogar e os bombeiros tentando impedir que ele pule. E, em continuidade, na figura 04, ainda em *contra plongée*, porém sem *zoom*, temos um corpo solto no ar, caindo em direção ao chão, dizendo sim para a morte e não para o auxílio oferecido pelos bombeiros, representantes sociais do governo e de seu poder, dando à mídia televisiva, e aos populares com as câmeras de seus celulares ligadas, um verdadeiro espetáculo para seus olhos vigilantes e famintos de uma atração inesquecível.

LUZES, CÂMERAS E O CORPO DO SUJEITO SUICIDA

A decisão do sujeito suicida de se matar em lugar público, supostamente, produz o efeito de rejeição midiática, porém, o que vemos nesse pipocar de vídeos jornalísticos de curta duração postados no *youtube* nos últimos 5 anos é justamente o contrário, ou talvez o outro lado da mesma moeda. Segundo Milanez

O corpo emite discursos que entram em contato com outros discursos, afirmando-os ou denegando-os, em uma relação de saber e poder, construídos em dada sociedade. O corpo exprime a posição do sujeito dentro de um mundo de significados que o valoriza ou deprecia. (MILANEZ, 2006, p. 79)

Como evidenciado nos fotogramas acima referentes ao vídeo analisado, as materialidades verbais e não-verbais do sujeito suicida se exprimem no seu próprio corpo, que se dá como resposta às indagações e objeções dos olhares de toda sociedade, representados ali pela câmera da TV, apresentando o suicídio não mais como uma tragédia em si, mas como uma atração a ser assistida e admirada, equiparando-a a um passa-tempo televisivo dentre tantos outros oferecidos pelos programas jornalísticos sensacionalistas. Como nos sugere Foucault, ali, para nós,



os “sujeitos individuais ou coletivos têm diante de si um campo de possibilidades de diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento que podem acontecer” (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Conforme tal afirmação, existir socialmente é estar numa relação de mão dupla com o outro, na qual os conflitos entre biopolítica e corpo assumem poderes díspares. E tais conflitos são exibidos como a atração do dia, na qual o suicídio se torna o carro chefe de toda espetacularização.

REFERÊNCIAS

- COURTINE, J.J. **História do Corpo**. Tradução e revisão Ephraim F. alves. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008. p. 253-340.
- _____. **Decifrar o corpo: Pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Edmundo Cordeiro. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. **O Sujeito e o Poder**. In: Foucault: uma trajetória filosófica. DREYFUSS, Hubert. L., RABINOW, Paul. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1995. p. 231-249.
- _____. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **O nascimento da medicina social**. In: Microfísica do poder. 9ª ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1990, p. 79-98.
- _____. **Direito de morte e poder sobre a vida**. In: História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 125-152.
- _____. **Os intelectuais e o poder**. Conversa entre Michel Foucault e Giles Deleuze. In: Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2001. p. 69-78.
- MILANEZ, Nilton. **Os sintomas do discurso: Sujeito, corpo e clínica na mídia**. In: Os sintomas do discurso: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo: Dossiê, vol.4 n.11 p.49-64 nov. 2007.
- _____. **O Corpo é um Arquipélago: Memória, Intericonicidade e Identidade**. In: Estudos do Texto e do Discurso: Mapeando Conceitos e Métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 153-179.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

_____. **As aventuras do corpo.** Araraquara: UEP, 2006. 214 f. Tese (Doutorado em Lingüística/análise do discurso). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2007.